

RECONHECER-SE EDUCADOR E EDUCADORA AMBIENTAL: FORMAÇÃO CONTINUADA ON-LINE DE EDUCADORES AMBIENTAIS

RECOGNIZING ONESELF AS AN ENVIRONMENTAL EDUCATOR: ONLINE CONTINUING EDUCATION FOR ENVIRONMENTAL EDUCATORS

RECONOCERSE COMO EDUCADOR AMBIENTAL: FORMACIÓN CONTINUA EN LÍNEA PARA EDUCADORES AMBIENTALES

Valdir Lamim-Guedes

lamimguedes@alumni.usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-5021-4176>
Universidade do Estado de Santa Catarina

RESUMO

Este trabalho aborda a formação de educadores ambientais e a importância do reconhecimento e diálogo nesse processo. Destaca-se a relevância da Educação Ambiental (EA) e a influência das experiências dos educadores em sua prática. O objetivo deste trabalho foi criar uma comunidade aprendente para formação de educadores ambientais usando a mídia social Facebook. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, envolvendo a participação ativa dos educadores em ações práticas relacionadas à aprendizagem permanente em EA. Para isso, analisou-se a experiência de um grupo de educadores ambientais em um ambiente on-line (Facebook). Os participantes concordaram com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo o uso acadêmico dos dados e o anonimato de seus nomes. Os resultados demonstraram um intenso engajamento dos participantes. Foram discutidos temas relevantes para a EA, a partir de atividades como leitura de textos, compartilhamento de materiais e debates sobre questões socioambientais. Destaca-se a importância do papel do mediador na promoção do diálogo e na geração de conhecimento entre os participantes. Conclui-se que o reconhecimento mútuo e o diálogo são fundamentais para a formação contínua de educadores ambientais. A interação social e a colaboração promovem a construção de conhecimento de forma interativa, alinhada à perspectiva sociointeracionista. A iniciativa de formação via Facebook mostrou-se eficaz na promoção da aprendizagem e na reflexão sobre práticas pedagógicas, contribuindo para o aprimoramento da atuação dos educadores ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Formação Continuada; Práticas pedagógicas; Reconhecimento profissional; Mídias sociais.

ABSTRACT

This work addresses the formation of environmental educators and the importance of recognition and dialogue in this process. The relevance of Environmental Education (EE) and the influence of educators' experiences on their practice are highlighted. The aim of this work was to create a learning community for environmental educator training using the social media platform Facebook. The methodology adopted was action research, involving active participation of educators in practical actions related to lifelong learning in EE. For this, the experience of a group of environmental educators in an online environment (Facebook) was analyzed. Participants agreed to an Informed Consent Form, ensuring the academic use of data and the anonymity of their names. The results demonstrated intense engagement from the participants. Relevant themes for EE were discussed, based on activities such as reading texts, sharing materials, and debates on socio-environmental issues. The importance of the mediator's role in promoting dialogue and knowledge generation among participants is emphasized. It is concluded that mutual recognition and dialogue are fundamental for the continuous formation of environmental educators. Social interaction and collaboration promote interactive knowledge construction, aligned with the socio-interactionist perspective. The Facebook-based training initiative proved effective in promoting learning and reflection on pedagogical practices, contributing to the improvement of environmental educators' performance.

KEYWORDS: Environmental Education; Continuing Education; Pedagogical Practices; Professional Recognition; Social Media.

RESUMEN

Este trabajo aborda la formación de educadores ambientales y la importancia del reconocimiento y el diálogo en este proceso. Se destaca la relevancia de la Educación Ambiental (EA) y la influencia de las experiencias de los educadores en su práctica. El objetivo de este trabajo fue crear una comunidad de aprendizaje para la formación de educadores ambientales utilizando la plataforma de redes sociales Facebook. La metodología adoptada fue la investigación-acción, que involucró la participación activa de los educadores en acciones prácticas relacionadas con el aprendizaje permanente en EA. Para ello, se analizó la experiencia de un grupo de educadores ambientales en un entorno en línea (Facebook). Los participantes acordaron un Formulario de Consentimiento Informado, asegurando el uso académico de los datos y el anonimato de sus nombres. Los resultados demostraron un intenso compromiso por parte de los participantes. Se discutieron temas relevantes para la EA, basados en actividades como la lectura de textos, el intercambio de materiales y

debates sobre cuestiones socioambientales. Se destaca la importancia del papel del mediador en la promoción del diálogo y la generación de conocimiento entre los participantes. Se concluye que el reconocimiento mutuo y el diálogo son fundamentales para la formación continua de educadores ambientales. La interacción social y la colaboración promueven la construcción de conocimiento de forma interactiva, alineada con la perspectiva socio-interaccionista. La iniciativa de formación a través de Facebook demostró ser efectiva en la promoción del aprendizaje y la reflexión sobre prácticas pedagógicas, contribuyendo al mejoramiento del desempeño de los educadores ambientales.

PALABRAS CLAVE: Educación Ambiental, Formación Continua, Diálogo, Reconocimiento, Educadores Ambientales.

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental (EA) surgiu na segunda metade do século XX como uma resposta à crise ambiental, caracterizada pela acentuada degradação ambiental. A EA pode ser conceituada, segundo Carvalho (2008b), como um conjunto de práticas pedagógicas fundamentadas no “saber ambiental”. Este, conforme Leff (2008), constitui um conhecimento acerca do meio ambiente que emerge da articulação entre aspectos teóricos e experiências vivenciais. Em relação aos espaços propícios à realização da EA, esses não são apenas as escolas, mas também espaços educativos não-formais como museus, parques e organizações do terceiro setor e voltada para públicos distintos de todas as idades, não apenas o público infanto-juvenil.

O processo de formação de educadores ambientais é multifacetado e influenciado por uma variedade de fatores, sendo moldado pela educação formal e pelas experiências vividas desde a infância até a atuação profissional, além de ser impactado por eventos marcantes, como a Rio-92, e movimentos sociais tanto internacionais quanto nacionais (Lamim-Guedes, 2019). Assim, as vivências dos educadores ambientais desempenham um papel significativo na prática da EA, ao mesmo tempo em que contribuem para a construção da identidade profissional. Esses educadores utilizam suas experiências pessoais para enriquecer a abordagem dos temas discutidos e para se tornarem exemplos de comportamentos mais sustentáveis. Os relatos de experiências, amplamente divulgados em eventos e publicações sobre EA, promovem a disseminação de diversas abordagens pedagógicas e estimulam a inovação no campo. Isso ressalta a importância da formação contínua dos educadores ambientais, possibilitando que a tradição pedagógica seja renovada por novos conhecimentos, tornando a EA mais envolvente e eficaz para os educandos e avançando em direção aos seus objetivos de transformação socioambiental.

Nesse sentido, não existe uma única maneira de se filiar ao campo ambiental, que inclui a EA. Esse processo de afiliação é essencialmente identitário e pode ocorrer de várias maneiras, como por meio da formação acadêmica, experiências de ruptura, escolhas profissionais e pessoais. Cada indivíduo pode encontrar sua própria jornada para se tornar um educador ambiental, com base em suas vivências e trajetórias únicas (Carvalho, 2008b; Lamim-Guedes, 2019). Nesse contexto, a identificação dos profissionais como educadores ambientais ganha destaque, pois a relação entre teoria e prática, aliada à história pessoal, assume grande importância devido à preocupação com as questões socioambientais. Essa abordagem visa não apenas favorecer uma formação crítica dos próprios profissionais, mas também dos seus educandos. Assim, estamos tratando de uma visão de mundo que articula a dimensão ambiental com aspectos sociais. A “leitura de mundo e da palavra é, em Freire, direito subjetivo, pois, dominando signos e sentidos, nos humanizamos, acessando mediações de poder e cidadania” (Passos, 2016, p. 238). Outro aspecto essencial das práticas de EA é o diálogo, que exige um exercício de reflexão e colaboração que deve ser a base para a formação de professores/educadores ambientais mais humanizados e articulados com as necessidades e contextos dos educandos. Então, como caracterizar este diálogo?

Do ponto de vista freiriano, o diálogo, mais do que uma conversa em que cada um apresenta o seu ponto de vista, é uma construção coletiva libertadora. É importante reforçar isso: em uma prática de educação bancária, não existe diálogo, por outro lado, uma prática de educação libertadora, sempre será baseada no diálogo.

(...) o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (...) É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro (Freire, 2010, p. 91).

O diálogo pode ser definido como um processo de comunicação interativo e participativo entre duas ou mais pessoas, no qual há troca de ideias, opiniões, sentimentos e informações de forma respeitosa e aberta. No diálogo, as partes envolvidas buscam compreender o ponto de vista do outro, expressar seus próprios pensamentos de maneira clara e honesta, e trabalham juntas na construção de significados compartilhados. É uma prática que promove a escuta ativa, a empatia, a colaboração e a busca por consensos, contribuindo para o entendimento mútuo e o fortalecimento dos vínculos interpessoais (Monteiro; Toledo; Jacobi, 2021).

O aspecto transformador da realidade advindo do diálogo também é importante ao considerarmos a dinâmica das questões ambientais e a necessidade de troca de experiências entre os educadores e educadoras ambientais. Desta forma, acaba reforçando a importância de ações de formação contínua, tanto para docentes em geral quanto para educadores ambientais. Aliada à formação continuada está a constituição de comunidades aprendentes, ou seja, grupos formados com base em uma abordagem educacional que promove o trabalho colaborativo, o diálogo entre diferentes saberes e culturas, a reflexão crítica e a participação ativa na transformação das comunidades e do mundo (Brandão, 2005).

O avanço e a popularização da internet, impulsionados pela Web 2.0, caracterizada pela facilidade de publicação on-line e interação entre usuários, promovem a construção do conhecimento de maneira interativa (Carvalho, 2008a), estando alinhados à perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (1998). Conforme essa visão, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação social, no qual ao menos duas pessoas participam ativamente, compartilhando experiências e ideias, resultando na geração de novos conhecimentos e experiências.

O objetivo da iniciativa que abordaremos, a seguir, foi criar uma comunidade aprendente para compartilhar textos, vídeos e outras mídias, e permitir a interação sobre temas socioambientais usando a mídia social Facebook. Buscamos demonstrar possibilidades de desenvolvimento de atividades de formação on-line de educadores ambientais, garantindo um processo contínuo de EA, favorecendo a formação de profissionais mais críticos. Assim, ao colocar como título "Reconhecer-se educador e educadora ambiental", queremos destacar que alguns participantes das iniciativas desenvolvidas não se viam como educadores ambientais. Eles passaram a reconhecer em sua prática ações que se enquadram na Educação Ambiental.

METODOLOGIA

Este trabalho¹ parte de uma pesquisa qualitativa, que é uma metodologia que busca compreender os comportamentos, motivações e atitudes dos indivíduos, que se baseia em descrições detalhadas e interpretações aprofundadas. É uma abordagem exploratória que visa a compreensão profunda de um tema, problema ou questão, sendo essencial para formular questões,

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no Congresso Internacional de Educação e Tecnologia e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (CIET:EnPED), realizado na cidade de São Carlos-SP em 2018. O resumo expandido está disponível em: <https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/2462>.

hipóteses e descobrir novas informações que não podem ser quantificadas (Godoy, 1995). Esta iniciativa caracterizou-se como uma pesquisa-ação, que, segundo Thiollent (2012, p. 17),

a pesquisa-ação é concebida como estratégia metodológica e conjunto de procedimentos, métodos e técnicas de pesquisa, com planejamento e avaliação de ações concretas em diversos setores da realidade, assegurando a participação ativa dos atores e adequado às situações.

A partir deste trecho de Thiollent (2012) podemos destacar três pontos básicos que envolvem uma pesquisa-ação: ações práticas relacionadas a um problema real e concreto, a participação ativa dos atores envolvidos neste problema e a geração de conhecimento. No caso desta iniciativa, estes três pontos básicos estão presentes, pois desenvolvemos ações práticas –utilizando a Internet – relacionadas à questão da aprendizagem permanente na área de educação ambiental; tais ações foram desenvolvidas de forma colaborativa e com a geração de conhecimento, tanto para os participantes quanto para a comunidade acadêmica e demais profissionais a partir da redação e divulgação deste texto.

Para apresentar adequadamente a situação vivida na pesquisa-ação, optou-se por elaborar um relato de experiência: uma narrativa que descreve e analisa uma experiência vivida em um contexto específico, como a sala de aula (Donatti, 2020). Esses relatos são valiosos para compartilhar práticas pedagógicas, projetos de ensino, eventos educacionais e desafios enfrentados, contribuindo para a reflexão e aprimoramento da prática docente.

A pesquisa-ação surgiu do interesse do autor de manter contato com outros educadores e educadoras ambientais de maneira pouco formal. Como espaço de interação adotou-se uma mídia social, o Facebook, que permitiu a criação de uma comunidade de aprendizagem entre educadores ambientais em processo de formação continuada. O Facebook, além de um canal de comunicação, "é considerado um lugar para pesquisar e compartilhar, pois é visto como uma ferramenta popular, relativamente fácil de usar e potencialmente útil para professores e alunos, permitindo a integração e permitindo o controle de privacidade" (Ferreira; Hohadana, 2014, p. 256). Além disso, trabalhamos com temas geradores, que segundo uma visão articulada entre a EA e Paulo Freire, "a educação em busca da tematização do ambiente que se pretenda crítica, transformadora e emancipatória tem na educação libertadora referência e inspiração" (Tozoni-Reis, 2006, p. 106). De forma articulada aos temas geradores, temos a problematização, como ação libertadora, que também norteou o nosso trabalho.

A adesão ao grupo "Formação Continuada de Educadores Ambientais via Facebook" foi voluntária, após o envio de convite por e-mail em outubro de 2015. As pessoas convidadas foram: alunos e egressos do curso de especialização em EA para Sustentabilidade de uma instituição privada da cidade de São Paulo; egressos do curso livre "Educação para a Sustentabilidade", oferecido pelo setor de Educação a Distância de uma universidade pública do estado de São Paulo; e alunos da Especialização em EA de uma universidade pública do estado de São Paulo. A participação do grupo foi condicionada à concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que garantia o uso dos dados apenas para fins acadêmicos e que os nomes dos participantes seriam mantidos anônimos. Por este motivo, o grupo era fechado e privado, isto é, o acesso era possível apenas com o aceite do TCLE e o conteúdo era visível apenas para os participantes. Assim, também garantimos maior liberdade aos participantes, como a possibilidade de criticar ações inadequadas de empresas.

Em uma das atividades desenvolvidas no grupo do Facebook, adotou-se a redação de (auto)biografias, conforme a grafia utilizada por Nóvoa e Finger (1988). Essas narrativas trazem uma mostra da identidade da pessoa e, por serem um esforço de relatar fatos e percepções, são baseadas em processos reflexivos. Segundo Nóvoa e Finger (1988, p. 116), "as histórias de vida e

o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia de que 'ninguém forma ninguém' e de que 'a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida'. Nesse sentido, a formação do educador ambiental está relacionada à sua vivência pessoal, à formação escolar e às experiências profissionais (Carvalho, 2008b; Lamim-Guedes, 2019).

Foi adotada a análise documental para o estudo das (auto)biografias. Esse método de pesquisa examina e compreende o conteúdo de diversos tipos de documentos, extraindo as informações mais relevantes conforme a área de pesquisa estabelecida. O processo de análise documental inicia-se com uma avaliação preliminar de cada documento, examinando criticamente seu contexto, autores, interesses, confiabilidade, natureza do texto e conceitos-chave (Lima Junior et al., 2021). Adotou-se um formulário on-line para obter a avaliação dos participantes sobre as atividades desenvolvidas. Os dados obtidos são apresentados de forma descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência relatada neste trabalho insere-se no movimento de história de vida em formação. Um de seus marcos é o livro "O método (auto)biográfico e a formação", organizado por Nóvoa e Finger (1988), que é caracterizado pela reflexão e pelo trabalho coletivo. Nesse contexto, é relevante que a formação contínua dos professores ocorra no ambiente de trabalho, seja na sala de aula ou em outros espaços educacionais, por meio da interação com os alunos e do trabalho colaborativo com outros educadores. Dessa forma, a formação contínua deve ser percebida como um processo multifacetado (Campestrato, 2017). Esse processo engloba uma variedade de atividades, incluindo cursos formais ou informais, presenciais e a distância, o uso de mídias sociais como o Facebook, e a reflexão sobre as próprias experiências por meio das (auto)biografias.

Entre outubro de 2015 a janeiro de 2016, o grupo "Formação Continuada de Educadores Ambientais via Facebook" contou com a participação de 21 membros. Embora o período de atividades considerado aqui seja limitado, o grupo permaneceu ativo até o fim do ano de 2016. Todos os participantes do grupo tinham ensino superior completo, e alguns possuíam ou estavam cursando pós-graduação, uma vez que parte dos convidados era oriunda de dois cursos de pós-graduação. Todos os participantes atuavam na área educacional, tanto em espaços escolares quanto em ambientes não formais. As idades variavam de 21 a 34 anos, com média de 30 anos. Portanto, as ações desenvolvidas no grupo do Facebook constituem uma formação continuada não formal de média duração.

No intervalo considerado, foram realizadas 55 postagens, variando desde aquelas mais elaboradas, como as descritas a seguir, até postagens mais simples focadas na divulgação de links ou em comunicações relacionadas ao próprio funcionamento do curso. A média de visualização, ou seja, o número de integrantes que visualizaram as publicações, foi de 14,09 participantes por publicação, indicando uma participação de em média 66% dos integrantes do grupo. Estes resultados indicam um engajamento considerável, pelo menos em parte das postagens. É importante destacar que a intenção era fornecer um ambiente de fácil acesso e que pudesse ser acessado a qualquer momento e que já fosse de uso habitual pelos participantes. Assim, ao navegar pelo site ou aplicativo ou conferir as notificações, o participante poderia verificar a atividade do grupo. Por outro lado, como a participação no grupo era voluntária e muito mais pautada no interesse em discutir as temáticas propostas do que em obter alguma pontuação ou certificação, nem todos os participantes realizaram as atividades. Como esta iniciativa trata-se de um processo não-formal, isso não é visto como um problema, mas algo natural, ainda mais se tratando de uma rede social.

Neste grupo, foram discutidos temas pertinentes à Educação Ambiental e correlatos. As atividades desenvolvidas abrangeram a leitura de textos, o compartilhamento de materiais pertinentes e a realização de postagens contendo dúvidas ou comentários relacionados a questões

socioambientais. O papel mediador do autor foi essencial para promover o diálogo, como ficou evidenciado pela rica interação entre os participantes.

A postagem com maior adesão foi sobre o texto do livro *Ecologia e Cidadania* de Carlos Minc (2005), que recebeu 104 curtidas e 66 comentários. A considerável mobilização em torno desse texto provavelmente se deve à sua perspectiva extremamente interessante e pragmática, que aborda uma questão de grande importância para a comunidade de aprendizagem formada no grupo: a busca por uma EA "bem-ensinada e bem aprendida" que, segundo o autor, "deve ter relação com a vida das pessoas, o seu dia a dia, o que elas veem e sentem, o seu bairro, a sua saúde, as alternativas ecológicas. Caso contrário, é artificial, distante e pouco criativa" (Minc, 2005, p. 72). A questão colocada pelo mediador "O que é uma EA bem ensina e bem aprendida?" foi respondida por uma professora integrante do grupo: "Um desafio!".

(...) Acabei de ler o texto e também gostei muito, fácil e direto ao ponto! O que é uma EA bem ensina e bem aprendida? Um desafio! (...) Ao meu ver um dos principais foco do bem ensinar na EA é justamente o fato de se ter compreensão sobre os múltiplos fatores responsáveis pela atual crise ambiental. Inclusive dos fatores políticos. (...) Um "bom" educador ambiental (...) realizará melhor a contextualização do que está ensinando se tiver claro para si todos os fatores que influenciam e influenciaram o problema em questão. Ex: o caso da reciclagem (...). Para não cair em uma EA de fachada, superficial, o professor/educador que souber um pouquinho sobre os processos de produção das embalagens, sobre a Lei dos resíduos sólidos, sobre consumismo, sobre a questão da água para produzir as embalagens, saberá envolver melhor os alunos ou o público alvo para uma Educação Ambiental que seja mais crítica, e não apenas prática.

Importante destacar que, ao trazer o texto do Carlos Minc e outros materiais, buscou-se estabelecer uma conexão entre teoria e prática, para que a pesquisa-ação em curso não caísse num praticismo, ou seja, que "o imperativo de transformação da realidade social não implique a perda da mediação teórica na apreensão dessa realidade", recaindo em realizar ações práticas sem reflexão, um fazer por fazer (Miranda; Resende, 2006, p. 516).

A postagem que sugeriu a redação de uma (auto)biografia foi a segunda com maior interatividade, recebendo 40 curtidas e 23 comentários. A adoção desta atividade deve-se a vários fatores: 1) Ao relatar sua história de vida, a pessoa não está apenas contando uma narrativa, mas também está refletindo e mediando entre suas experiências vividas e a interpretação dessas experiências; 2) Ao conhecer a história de vida dos outros participantes, torna-se evidente que não existe um caminho único definido para se tornar professor ou educador ambiental; os percursos são únicos e frequentemente marcados por diversas rupturas; 3) A identificação com o campo ambiental e o engajamento em ações educativas voltadas para questões socioambientais representam formas de se reconhecer como educador ambiental, já que muitos participantes não se identificaram como educadores ambientais inicialmente, mas ao observar as posturas e práticas dos colegas, essa filiação se tornou mais clara, e 4) As ações desenvolvidas pelos colegas proporcionam oportunidades para a adoção de inovações pelos outros professores, gerando um ambiente de colaboração e aprendizado mútuo.

Essa proposta surgiu em novembro de 2015, cerca de 20 dias após a criação do grupo no Facebook, com o intuito de permitir que os participantes se conhecessem melhor e de promover a reflexão sobre os processos individuais de se tornar educador ambiental. Para facilitar o compartilhamento, foi criado um arquivo no Google Docs acessível a todos os membros do grupo, no qual as instruções eram fornecidas e eles podiam escrever ou inserir suas próprias (auto)biografias, além de ler as dos outros integrantes. A redação foi proposta a partir da pergunta "Como me tornei educador(a) ambiental?". Ao todo, 11 (auto)biografias foram inseridas no arquivo

do Google Docs pelos participantes do grupo no Facebook (veja Lamim-Guedes, 2017, para uma descrição mais detalhada desta atividade).

A partir da análise documental das (auto)biografias recebidas, identificamos cinco categorias de convergência: relação com o ambiente natural, influência familiar, trajeto escolar, percurso profissional e práticas educativas. Apresentamos, a seguir, uma breve descrição de cada categoria:

- Relação com o ambiente natural: Os participantes destacaram em suas (auto)biografias a importância da relação com a natureza em suas vidas, ressaltando experiências de proximidade com o ambiente natural desde a infância. Essa conexão com a natureza foi fundamental para despertar o interesse e a conscientização ambiental.
- Influência familiar: A influência dos familiares também foi um aspecto relevante nas (auto)biografias, com relatos sobre momentos marcantes vivenciados ao lado de familiares, como avós, pais e irmãos, que contribuíram para a formação da consciência ambiental dos participantes. Essas experiências familiares foram descritas como determinantes na construção de valores e atitudes em relação ao meio ambiente.
- Trajeto escolar: Os participantes compartilharam em suas (auto)biografias experiências relacionadas à sua trajetória escolar, desde a infância até a formação acadêmica. Muitos destacaram a importância de disciplinas como Ciências e Biologia em despertar o interesse pela Educação Ambiental. Além disso, mencionaram a influência de professores e práticas pedagógicas específicas no desenvolvimento de sua consciência ambiental.
- Percurso profissional: Alguns participantes relataram rupturas em suas trajetórias de trabalho, como mudanças de carreira motivadas pelo desejo de atuar na área ambiental. Eles buscaram alinhar seus valores pessoais com suas atividades profissionais. Essas transições profissionais foram descritas como momentos significativos, que os levaram a se tornar educadores ambientais.
- Práticas educativas: Os participantes destacaram em suas (auto)biografias a aplicação de conceitos e abordagens da Educação Ambiental em suas atividades pedagógicas. Muitos mencionaram a importância de trabalhar temas socioambientais em sala de aula, promovendo a interdisciplinaridade e a reflexão crítica sobre questões ambientais.

A possibilidade de ler, arquivo do Google Docs, e comentar as (auto)biografias, a partir da publicação no grupo com a proposta da atividade, permitiu tanto um processo de reflexão, ao analisar as vivências dos colegas, quanto mais um momento de interação. Os comentários incluíram, por exemplo, o relato de um dos participantes que, no primeiro dia de trabalho numa construtora, recebeu orientações de como burlar leis ambientais. Inconformado, ele pediu demissão e passou a se dedicar apenas à Educação Ambiental em instituições não formais.

Realizamos, concomitantemente à redação das (auto)biografias, a construção coletiva de um álbum no grupo do Facebook, intitulado "Nós, educadores ambientais, em ação". Foram compartilhadas 134 fotografias, das quais 72 eram de um mesmo participante. Embora simples e destinada principalmente a permitir que os participantes do grupo se conhecessem melhor, essa atividade resultou em algumas descobertas inesperadas, das quais destacaremos duas. Primeiro, houve uma diversidade de situações consideradas pelos participantes como ações de EA, incluindo reuniões com autoridades de órgãos públicos, participação em eventos no Brasil e no exterior, atividades em áreas verdes (como aulas de campo), projetos desenvolvidos por organizações não governamentais (ONGs) e, claro, atividades realizadas em sala de aula. Isso demonstra uma visão mais ampla de EA, que vai além das atividades escolares ou de "reciclagem", incluindo ações não-formais e a participação cidadã, como na interação com lideranças políticas. Em segundo lugar, alguns participantes afirmavam que não tinham fotografias de ações de EA, "apenas de aulas". Discutimos que as aulas permitem o desenvolvimento de ações de EA e que não deveriam ser vistas

como algo de menor importância. Dado o tempo que os alunos permanecem nas salas de aula, essas atividades são, na verdade, fundamentais. A capacidade de comentar as fotografias, algumas das quais são apresentadas na Figura 1, possibilitou uma ampla gama de oportunidades para interação, estimulando diversas discussões dentro do ambiente do grupo.



Figura 1: fotografias postadas no álbum “Nós, educadores ambientais, em ação”. (A) experiência didática das Caixas de Erosão (Socorro-SP), (B) ação educativa formal (Belém-PA), (C) trabalho voluntário em escola pública (Angelina-SC), e (D) acompanhamento da visita a assentamento rural (Sinop-MT).

Fonte: Educadores participantes do projeto.

Durante as atividades descritas anteriormente, enfrentamos algumas dificuldades na utilização das ferramentas adotadas. As duas principais dificuldades encontradas foram a falta de experiência no uso do Google Docs e a dificuldade em adicionar imagens ao álbum do Facebook. Felizmente, esses obstáculos foram superados com o apoio do mediador, o que não comprometeu o desenvolvimento das atividades. Outro desafio foi, apesar da condução do grupo ter sido de forma aberta e baseada no diálogo com os participantes, visando uma pesquisa-ação, a dinâmica acabou ficando demasiadamente concentrada na atuação do mediador. Isso aparentemente dava uma conotação mais vertical da relação entre o mediador e os demais participantes.

Perguntamos aos participantes suas opiniões sobre a iniciativa. A partir das respostas, obtidas por meio de um questionário on-line, temos um cenário bastante positivo da nossa iniciativa. Uma educadora comentou que essa foi “uma iniciativa muito importante, que une as redes sociais, às quais estamos muito habituados, com uma formação continuada. É uma ótima oportunidade para aproveitar esta ferramenta e tem sido bastante profícua”, vai ao encontro dos nossos objetivos ao propor este grupo no Facebook, sobretudo o uso de uma mídia social já utilizada pelos participantes e por oferecer uma formação continuada gratuita. Outra educadora afirmou que “sinto falta de uma interação mais profunda entre os participantes, entretanto não sei se isso é possível por uma rede social...”.

Talvez este seja o maior desafio enfrentado ao longo do desenvolvimento desta iniciativa: incentivar a participação, mantendo uma relação de retroalimentação com o diálogo, pois este surge da participação e essa é incentivada pelo diálogo. Podemos diversificar as mídias, propor debates, inovar nas atividades propostas, mas isto não necessariamente resulta em maior atividade dos usuários no grupo. Um problema complicado em ações de EaD é o silêncio virtual – “fenômeno

caracterizado pela falta de comunicação/manifestação do aluno da EaD, mesmo diante de tentativas por parte dos tutores e/ou demais gestores dos cursos” (De Oliveira Silva; Santos; Alves, 2020), pois é uma situação de incerteza sobre a possibilidade do participante ter visualizado o que foi postado no grupo, mas não interagiu (comentário ou curtida). No caso do Facebook, pode-se saber quem visualizou a postagem, mas isto não é uma garantia de que o usuário leu ou viu um vídeo, por exemplo. Parte da participação reduzida no grupo advém do perfil dos usuários, pois todos são profissionais com diversas atividades concomitantes como alunos ou como professores em instituições de ensino ou em locais de educação não formal. Assim, tivemos uma redução das participações a partir do fim de novembro e em dezembro de 2015, período que corresponde ao final de período letivo em instituições de ensino de diferentes níveis.

As atividades de formação continuada de professores que se baseiam no trabalho coletivo para a troca de experiências e saberes entre os participantes possibilitam uma compreensão mais ampla e complexa da realidade, além de valorizarem a expertise desses indivíduos. Ao tratar da visão de mundo desses educadores e permitir que compartilhem suas vivências e opiniões, buscamos auxiliar na emancipação destes em relação à compreensão das problemáticas socioambientais. Assim, procuramos colocar em prática os princípios dialógicos freirianos. Scorsolini-Comin (2014) cita alguns desafios da prática mediadora em ações de EaD, como a necessidade de criar propostas para debate que vão além de indicar uma única resposta correta, ou seja, que possibilite o posicionamento dos participantes, favorecendo a diversidade de visões sobre determinado assunto. Colocamos isso em prática ao permitir que os participantes – que já tinham experiência em educação ambiental – trouxessem relatos de experiências ou aspectos de suas vidas, a partir das (auto)biografias ou outras produções textuais, incentivando a identificação mútua entre nós como educadores ambientais e colocando os participantes em uma relação mais horizontal, estimuladora do diálogo.

Assim, é essencial que as atividades de formação inicial e continuada dos educadores ambientais promovam a troca de experiências entre os participantes, permitindo que possam replicar essas ações com adaptações à realidade de cada um. Favorecer a formação continuada dos professores e educadores ambientais é um dos desafios atuais nesta área de conhecimento interdisciplinar.

Paulo Freire nos apresentava com uma abordagem viável para compreender e transformar a realidade presente no mundo. Em sua visão, a leitura e compreensão do mundo representam a oportunidade de assumir o controle sobre nosso destino. É através desse processo que podemos construir um novo projeto societário, utilizando a educação como ferramenta fundamental para essa transformação. Podemos dizer que esta é, inclusive, ‘a dimensão freiriana da educação’ (Layrargues, 2014). Na raiz desse projeto está o diálogo. Em tempos de escola sem partido e com o crescimento da imposição de práticas homogeneizadoras das práticas docentes através de controles verticais realizado pela administração pública, no caso das escolas públicas, buscamos problematizar ao longo destas ações relatadas o papel do educador ambiental em permitir uma leitura de mundo mais crítica. Como escreveu Freire (2004, p. 30-31),

Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Porque não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (...) Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas

pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.

Assim, buscamos destacar o papel relevante do diálogo entre os participantes na reflexão e mobilização das comunidades em que estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência é relevante para demonstrar como podemos desenvolver atividades de EA em ambientes on-line que reflitam um processo contínuo e permanente de formação docente, alinhado a uma leitura de mundo mais crítica, dialógica e consciente do papel do educador na formação dos educandos, a partir da mediação sem reforçar uma visão de "transmissão de conhecimentos". A partir da experiência vivenciada concluímos que um grupo no Facebook tem várias características que permitem a formação continuada de educadores ambientais. Além disso, as ações interativas permitem um processo de reflexão e compartilhamento, tornando-se um processo formativo bastante rico e dialógico. Apesar dos desafios enfrentados, como a baixa adesão dos participantes do grupo e dificuldades na utilização das ferramentas digitais como o Google Docs e o Facebook, consideramos a iniciativa desenvolvida como bem-sucedida.

Destaca-se a relevância do diálogo e do reconhecimento mútuo na formação contínua de educadores ambientais. A interação entre os participantes promoveu um processo formativo rico e dialógico. A abordagem colaborativa e reflexiva adotada no grupo demonstrou ser eficaz na promoção da aprendizagem e no aprimoramento das práticas pedagógicas dos educadores ambientais. É relevante ressaltar a importância de continuar investindo em estratégias de formação continuada que valorizem o diálogo e a troca de experiências entre os profissionais. A mediação do autor e a promoção de debates sobre questões socioambientais foram fundamentais para o engajamento dos participantes e para a construção coletiva de conhecimento.

Em um contexto de constantes desafios e transformações na área da Educação Ambiental, a formação contínua dos educadores se mostra essencial para a promoção de práticas mais críticas e sustentáveis. A experiência compartilhada neste estudo ressalta a importância do reconhecimento mútuo e do diálogo como pilares fundamentais para o desenvolvimento profissional bem como para a construção de uma educação ambiental mais efetiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. p. 85-91.

CAMPESATO, M. A. G. "Formação", uma palavra intransitiva. **Revista Polyphonia**, v. 28, n. 2, 2017.

CARVALHO, A. A. A. Introdução. In: CARVALHO, A. A. A. (Org.). **Manual de ferramentas da Web 2.0 para professores**. Lisboa: Ministério da Educação. 2008a. p. 7-14.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. 3 ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008b.

DE OLIVEIRA SILVA, L.; SANTOS, D. A. dos; ALVES, H. C. Silêncio e evasão na Educação a Distância: uma experiência no ambiente virtual Schoology. **EaD em Foco**, v. 10, n. 2, 2020.

DONATTI, R. Relato de experiência: alteridade e cultura, uma proposta de intervenção pedagógica. **Revista Eletrônica de Educação do Norte de Mato Grosso**, v. 4, n. 2, p. 112-119, 2020.

FERREIRA, G. M. S.; BOHADANA, E. D'A. B. Possibilidades e desafios do uso do Facebook na educação: três eixos temáticos. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.). **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPRB. 2014, p. 255-274.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

LIMA JUNIOR, E. B. et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 2021.

LAMIM-GUEDES, V. **Comunidades virtuais na formação continuada de educadores ambientais**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2019.

LAMIM-GUEDES, V. Uso de (auto)biografias em uma formação continuada em educação ambiental on-line. **Ensenanza de Las Ciencias**, v. Extra, p. 3287-3292, 2017.

LAYRARGUES, P.L. Prefácio. In: LOUREIRO, C.F.B.; TORRES, J.R. (Orgs). **Educação Ambiental dialogando com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2014.

LEFF, E. Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável. In: REIGOTA, M. (Org.). **Verde Cotidiano**: o meio ambiente em discussão. 3 ed. Petrópolis, RJ: DP et alii, 2008, p. 97-112.

MINC, C. Capítulo 5: Educação Ambiental. In: _____. **Ecologia e Cidadania**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2005, p. 71-76.

MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. A. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 511-518, set. 2006.

MONTEIRO, R. A. A.; TOLEDO, R. F.; JACOBI, P. R. Diálogo: conceito, princípios epistemológicos e implicações éticas. **Vozes e Diálogo**, v. 20, p. 19-32, 2021.

NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

PASSOS, L. A. Leitura de mundo. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 238-340.

SCORSOLINI-COMIN, F. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância. **Educação em Revista**, v. 30, n. 3, p. 245-266, 2014.

THIOLLENT, M. Fundamentos e desafios da pesquisa-ação: contribuições na produção de conhecimento interdisciplinares. In: TOLEDO, R. F.; JACOBI, P. R. **A pesquisa-ação na interface**

da saúde, educação e ambiente: princípios, desafios e experiências interdisciplinares. São Paulo: Annablume, FEUSP, PROCAM, IEE, FAPESP, 2012. p. 17-39.

TOZONI-REIS, M. F. C. Temas ambientais como "temas geradores": contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. **Educar em Revista**, n. 27, p. 93-110, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



Revista
Ciências & Ideias